

ENTREVISTA/ADELIA BORGES

Jornalista ressalta em livro a memória e a cultura revestidos nos objetos artesanais

Redescobrimo o Brasil

MÍRIAN PINHEIRO

Autora de grandes publicações sobre o tema, Adélia Borges lança mais uma obra-Design + Artesanato O caminho brasileiro editado pela Terceiro Nome, que trata da aproximação entre designers e artesãos. No livro, Adélia registra os caminhos que têm sido percorridos por esses atores e que têm feito brotar objetos com alta qualidade produtiva e de pungente identidade local. Em entrevista exclusiva, ela apresenta algumas de suas reflexões sobre o "feito à mão e o projeto pelo intelecto".



O que é design e o que é artesanal para você?

Como há muitas discussões e controvérsias a respeito dessas duas palavras, acho melhor citar instituições abalizadas para tal. Para a definição do que é design, opto pelo enunciado do International Council of Societies of Industrial Design (ICSID), o mais importante organismo internacional relacionado à atividade: "O design é uma atividade criativa, cujo objetivo é estabelecer as características multifacetadas de objetos, processos, serviços e seus sistemas em ciclos de vida completos." Sobre artesanato, no livro adotei a definição da Unesco: "Produtos artesanais são os produtos confeccionados por artesãos, seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas distintas características, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social."

Como você vê a identidade brasileira? A partir do quê, na sua opinião, se chega a ela?

Dois pontos importantes quando se fala de identidade: primeiro, ela não pode ser enunciada no singular, e sim no plural. E ela é definida não só pela região em que se vive, mas pela faixa etária, classe social, gênero etc. etc. Enfim, são inúmeras dimensões que se entrecruzam e se somam para formar nossas convicções, gostos, atitudes, características etc. Segundo ponto, as identidades estão em contínua mutação. Só permanece igual o que está morto. Tudo o que vive está em contínua transformação. A partir desses dois pressupostos, pode-se dizer que a identidade não é propriamente algo ao qual se chega, mas de onde se parte. Ela me diz de onde eu venho, mas não limita onde vou chegar.

Onde os dois campos de saber se diferenciam e onde eles se encontram e se completam?

Na minha visão, eles são muito conectados. Veja que, mesmo para um conselho que congrega associações de design industrial como é o ICSID, o adjetivo *industrial* não é obrigatório quando se fala em design. É a noção de artesanal está aberta à produção em série. Juntando esses dois conceitos, defendo a utilização da expressão *design artesanal* para quando se fala de um objeto produzido artesanalmente, assim como temos o *design industrial* para o que é produzido industrialmente. Essa nomenclatura já existe em vários países e o Japão é um exemplo. No entanto, não há consenso sobre ela. Há pessoas que veem um antagonismo entre design e artesanato e arrepiam quando se fala dessas duas atividades em conjunto. No entanto, creio que elas estão equivocadas e perderam o bonde da história...

Fale-nos um pouco sobre a diversidade, a complexidade e a beleza do produto artesanal brasileiro.

A diversidade é tão grande quanto é diverso o nosso país de dimensões continentais... É muito interessante ver como cada lugar tem as suas características. É o que alguns estudiosos chamam de *idioleto* – palavra que junta idioma e dialeto. Na língua, todos nós falamos português, mas cada região tem seu acento, seu vocabulário, sua característica. No artesanato é a mesma coisa. Mesmo em comunidades próximas – 50 quilômetros de distância uma da outra, por exemplo – se veem coisas peculiares que caracteri-



A gente nem acredita que as pessoas façam aquilo com tanta destreza e aparente facilidade...

zam cada uma. A beleza é incontestável, e ela toca demais as pessoas. Isso ocorre talvez porque os objetos artesanais são, como nós, imperfeitos. Eles têm uma "boniteza torta", como dizia a grande poeta Cecília Meirelles, citando os bordos irregulares das vasilhas de cerâmica. A gente se identifica com eles. Agora, gostei quando você pergunta sobre a complexidade. Essa é uma palavra que se associa muito pouco ao objeto artesanal, ao contrário de rusticidade, por exemplo, que sempre aparece. E você tem razão. O professor José Marconi, estudioso da área, observa que certos padrões de rendas por exemplo, envolvem complicadas operações aritméticas. Veja a riqueza dos repassos das colchas de tear mineiras... E os pontos que existem numa roupa de vaqueiro... A gente nem acredita que as pessoas façam aquilo com tanta destreza e aparente facilidade... O artesanato não é primitivo, só o que é primitivo é o nosso conhecimento dele. E para haver o reco-

nhecimento de algo, é preciso primeiro haver o conhecimento, abrir os olhos para essa incrível complexidade. É isso que falta. Temos um campo imenso aberto para a leitura erudita deste fazer popular.

Como o conceito da sustentabilidade enriquece esses novos modos de produção?

A produção artesanal está totalmente sintonizada com a noção contemporânea de sustentabilidade, que compreende os conceitos de ambientalmente responsável, economicamente inclusivo e socialmente justo, englobando ainda o que alguns entendem como o quarto pilar do desenvolvimento sustentável, que é a diversidade cultural. No livro eu discorro melhor sobre cada um desses pontos, que são vitais na contemporaneidade.

O artesanato carrega uma aura inferior ao trabalho de design. Como você analisa isso?

Existe um conceito pré-concebido – ou seja, um preconceito

– que atribui uma conotação de inferioridade às coisas feitas à mão e uma conotação de superioridade às coisas projetadas pelo intelecto. Ele perpassa fortemente a civilização ocidental, e parece se acentuar em países onde a escravidão foi forte, como o Brasil. Fazer com as mãos é coisa de escravos – e de preferência que não pensemos, para que "não pensemos bobagens". Aos ricos cabe pensar e mandar, sem "sujar as mãos". "Nós", os instruídos, os esclarecidos, podemos nos dedicar às altas esferas do pensamento e do projeto; "eles" que "peguem no pesado", como se costuma dizer, usando, aliás, um verbo que pressupõe a manualidade. Creio que essa dicotomia tende a ser superada, e isso já vem ocorrendo.

O "fazer à mão" brasileiro se sofisticou?

Sim, graças a essas oficinas e ações de requalificação do objeto artesanal. Em todo o país, instituições variadas têm promovido essa troca de saberes, que

incontestavelmente está levando a uma melhoria das condições técnicas dos objetos e, em alguns casos, do resultado estético. Mas é preciso cuidado, porque oficinas feitas sem respeito ao conhecimento local vêm se difundindo, e elas são extremamente prejudiciais.

Em que medida o artesanato enriquece o design nacional?

Enriquece em primeiro lugar por sua própria presença. O artesanato está aí, de norte a sul do país, nas grandes cidades ou nos vilarejos "perdidos" do interior. Convido as pessoas que estiverem lendo esta entrevista a se lembrar de algo feito à mão que compraram, ganharam ou fizeram recentemente. É quase certo que isso tenha ocorrido há não muito tempo, porque o artesanato efetivamente está nas nossas vidas. Mas ele enriquece também por trazer valores de singularidade, calor humano e pertencimento, que são muito importantes num momento em que a tecnologia digital e os produtos in-

dustriais "invadiram" o nosso cotidiano. O design que me interessa é exclusivamente aquele que melhora a vida das pessoas que usam o objeto, ou seja, melhora o nosso cotidiano. Agora aquele que me emociona é o design artesanal. Quando vejo coisas bonitas feitas à mão, bate uma conexão direta com o meu coração, como se eu "sentisse" no objeto a presença de quem o fez, as horas de dedicação, o capricho das coisas benfeitas...

Tal qual o artesanato, o design brasileiro também pode ter significância cultural?

A dimensão cultural está intrinsecamente presente no design. E essa dimensão é maior naqueles objetos e projetos que contam quem somos, quais os nossos sonhos, os nossos desejos, que captam o espírito do tempo em que vivemos.

Como você analisa o design de serviço? Aquele defendido por John Thackara?

John Thackara é um dos grandes pensadores do design na contemporaneidade. Seus livros e textos são imprescindíveis. Em geral, concordo com o que ele diz, e esse é o caso também do design de serviço. Hoje o design não está tanto na materialidade. Num mundo abarrotado de produtos, o maior desafio é criar serviços e plataformas que possam ser úteis e prazerosos para o maior número possível de pessoas. Um exemplo é o design de sistemas de uso compartilhado dos produtos pelas pessoas. Não seríamos proprietários de vários bens materiais, mas tão somente usuários. Os danos para o ambiente seriam menores.

É possível antecipar o futuro do design brasileiro? Ele poderá ser mais acessível?

Estamos vivendo hoje a melhor fase do design brasileiro e creio que as perspectivas para o futuro são ainda melhores. Está havendo uma redistribuição da renda na população nacional, com a incorporação de vastas parcelas da população ao mercado de consumo. As indústrias já vêm oferecendo produtos com um design bacana para as classes C e D.

Existe uma mensagem principal no seu livro recém-lançado. Que ponto de vista ele nos revela?

Vou me valer de palavras que escrevi na introdução para responder à sua pergunta. Numa visão mais ampla relacionada às políticas públicas, espero que o livro possa ajudar na disseminação pela América Latina de iniciativas de requalificação do objeto artesanal. Temos pobreza sim, temos carências, muitas. Mas também temos um potencial que está em nossos materiais e na nossa capacidade de transformá-los, um capital individual e coletivo que pode ser transformado em capital social. Numa visão mais micro, ligada ao cotidiano de todos nós, espero que a riqueza e a extensão do trabalho que vem sendo feito em comunidades artesanais pais afora nos inspirem, como consumidores, a levar em conta outros atributos além da adequação de forma e função na hora de adquirir um produto, e que assim possamos nos deixar contagiar pelo afeto, pela memória e pela cultura impregnados nos objetos feitos à mão.